

A Globalização da cultura
A cultura escrita no feminino

Pedro Urbano (FCSH-UNL)

O projecto *Portuguese Women Writers*, do qual sou bolsheiro, tem como objectivo o levantamento da produção literária feminina em língua portuguesa entre os séculos XV e XIX. Para além de identificar as autoras, procura também identificar as obras da sua autoria, bem como aquelas para as quais contribuíram, como é o caso das traduções ou adaptações. Isto significa que, para além da autoria, será também alvo de atenção a recepção em Portugal de obras produzidas em outros países. Trata-se, por isso, e numa perspectiva histórica, de compreender também a difusão cultural e de certa forma os hábitos de consumo por parte do público leitor ao tempo da sua produção.

Inserindo-se numa rede europeia de projectos semelhantes, que se debruçam sobre a produção e recepção literária feminina, a dinâmica entre produção e circulação cultural é ainda mais evidente, retratando com eficácia a globalização cultural, sobretudo durante o século XIX.

Esta dimensão multinacional do projecto permite uma mais fácil compreensão de todo o processo e sobretudo da rede que se estabeleciam entre as várias autoras. Iremos mostrar alguns exemplos dessa rede, focando-nos essencialmente quer nas autorias femininas, quer na recepção das obras por parte do público feminino.

É inevitável iniciarmos pela, provavelmente, mais internacional de todas as escritoras femininas da época – a Marquesa de Alorna. Nascida em 1750 e falecida em 1839, reclusa no convento de Chelas apenas com 8 anos devido aos laços familiares que a ligavam aos Távora, implicados na suposta tentativa de assassinato do Rei D. José, aí esteve durante quase 20 anos, 20 anos em que se dedicou à leitura de grandes nomes da literatura francesa, em especial dos filósofos iluministas. Mas não só. Em 1770, adaptava *Les Moutons*, de Antoinette Deshoulières para português. Antoinette Deshoulières era uma poetisa, nascida em 1637 e falecida em 1694 e este poema versava sobre o destino dos filhos que perdiam os seus pais. Adaptou também, desta vez da escritora inglesa Amélia Opie (1769-1853), sua contemporânea, o poema *Lays for the dead*, a que deu o nome *Bem que tão longo e eterno amor nos ata* e que viria a ser

incluído na antologia que as filhas da Marquesa de Alorna editaram depois da morte da mãe.

Terá também traduzido Madame de Staël, muito provavelmente a autora francesa com maior repercussão em Portugal durante todo o século XIX. Para além da Marquesa de Alorna, uma outra sua contemporânea, amiga íntima e frequentadoras dos saraus que ambas organizavam, Francisca de Paula Possolo da Costa, terá traduzido duas das suas obras – *De l’Allemagne* e *Corinne ou L’Italie*. Não pertencendo à aristocracia como a marquesa de Alorna, não tendo viajado nem por Espanha e Inglaterra como esta – o que lhe terá permitido mais facilmente aceder a obras estrangeiras não editadas em Portugal -, as relações de sociabilidade e o interesse pela cultura que levaram Francisca Possolo da Costa a abrir os salões de sua casa serão certamente as condições que permitiram o mais fácil acesso à circulação cultural.

Para além destas duas escritoras, será também a escritora natural de Sines, Cláudia de Campos (1871-1916) quem, já no dealbar do século XX, debruça a atenção sobre Madame de Staël e, em particular, com a relação de contornos amorosos que terá tido com Pedro de Sousa Holstein, futuro primeiro Conde e Duque de Palmela, publicando o livro *A baronesa de Staël e o Duque de Palmela*.

Após 1877, data da primeira edição original, uma outra nobre, Matilde de Santa Ana Vasconcelos (1806-1888), nascida na ilha da Madeira e mulher do primeiro Visconde das Nogueiras, publicava a tradução do romance histórico *As castelãs do Rossillon*, a partir do romance homónimo *Les Châtelaines de Roussillon ou Le Quercy au seizième siècle*, cuja autoria era de uma outra aristocrata francesa, Eugénie Dutheil, condessa de La Rochère (1810 - +?).

Como podemos constatar, nos exemplos que acabámos de demonstrar, mas que se tratam dos exemplos mais significativos de todos aqueles que poderíamos mostrar, podemos concluir desde já que, por um lado, é a cultura francesa que parece ter maior incidência em Portugal ao longo do século XIX. Por outro lado, a nobreza ou os grupos sociais a ela associados, continuam a ser não só os principais consumidores da cultura letrada, mas também os seus principais difusores.

Analisemos agora o impacto da cultura portuguesa no mundo. Obviamente, muito menos expressiva e tendem a ser mais tardios no tempo. E não se cingem às traduções nem às adaptações.

Maria Chiappe Cadet (1820-1885), professora de Francês, publicava em 1875 um livro de versos intitulado *Sorrisos e lágrimas*, dedicando a Madame Gerando. Esta Madame Gerando não é nada mais, nada menos, que Emma Teleki (1809-1893). Nascida no Império Austro-húngaro, filha de famílias aristocratas húngaras casou com um aristocrata francês, e foi no país do marido onde viveu largos anos exilada. A ligação entre Ema Teleki e Maria Chiappe Cadet será, muito provavelmente, a língua francesa.

Alice Pestana, nascida em 1860 em Santarém, casa com um súbdito espanhol, indo viver para Madrid, onde mantém, com o marido um colégio, onde lecciona. Em 1902 publicava o romance *Desgarrada* em Lisboa, que seria traduzido, 7 anos depois, em Espanha, com o mesmo título, por Hermenegildo Giner de los Rios.

Foi também em Espanha que o conto *A Sonâmbula*, de Mécia Mouzinho de Albuquerque (1870-1961) foi traduzido em 1919, tendo sido publicado originalmente um ano antes em Lisboa. Ao contrário de Alice Pestana, nada indicia que tenha viajado e muito menos vivido, no reino de Espanha.

Como podemos observar, a recepção de obras portuguesas no estrangeiro, começam a ser mais expressivas à medida que caminhamos no tempo. Talvez decorrente dessa diferença de cronologia, os actores sociais também se modificam, perdendo o pendor aristocrático que o caracterizavam.

Para além dos reportórios bibliográficos, os dicionários e as obras impressas que estão na base da investigação para este projecto há, no entanto, outras fontes privilegiadas que nos dão informações preciosas, não apenas para o estudo da literatura feminina e a sua recepção, mas também para o estudo da difusão cultural em si mesma, abrangendo outras formas estéticas, que não apenas a literatura. Refiro-me aos arquivos familiares, públicos ou privados. Para a minha tese de doutoramento, a qual estou a terminar, dedicada ao estudo da Casa Real durante o reinado de D. Carlos (1889-1908), foi necessário efectuar uma exaustiva pesquisa em diversos fundos documentais, nomeadamente em arquivos familiares, em depósito em instituições públicas ou ainda na posse de particulares e neles encontrei algumas informações relativamente a estas matérias.

Como por exemplo, a leitura do diário da Condessa de Sabugosa e de Murça, D. Mariana das Dores de Melo (1856-1952), dama da Rainha D. Amélia, que em 15 de

Fevereiro de 1897 escrevia, a propósito de uma tarde passada no Alfeite, propriedade régia na margem esquerda do rio Tejo, com a Rainha D. Amélia (1865-1911) e restante comitiva: “(...) *Depois do almoço, grande brincadeira, tiroteio de laranjas, entre Suas Altezas Isabel Ponte, pequenos, Maria de Sá. Tudo divertidíssimo. Os vestidos é que não ficaram em bom estado. Viemos depois de carruagem até ao pinhal à esquerda da casa aonde a R.[ainha] esteve pintado e comecei a ler **Amitié Amoureuse**.*”¹ *L’amitié amoureuse* é um romance publicado um ano antes, em 1896, da escritora francesa Hermine-Augustine-Eugène Lecomte du Noüy (1854-1915) e que teve um enorme sucesso no seu tempo tendo alcançando a 207ª edição em 1920. Em 1926 havia duas edições em Português, editadas no Rio de Janeiro, traduzidas por Fernão Neves.

Mas não é só acerca hábitos de leitura que os arquivos de família nos dão informações. Também sobre os próprios autores. Em 1814, o futuro Conde de Vila Real, então conselheiro da embaixada em Londres, D. José de Sousa Notelho Mourão e Vasconcelos (1795 - 1855) escreve cartas para a sua mulher, D. Maria Teresa de Sousa Holstein (1786 - 1841) irmã do Duque de Palmela. Numa dessas cartas compara a Madame de Stael à marquesa de Alorna, dizendo: “*A Marquesa nunca sabe nunca o meio de conseguir os seus objectivos, enquanto Madame de Staël é muito mais decidida*”²

Consideramos, pois, com estes dois exemplos, que os arquivos de família podem trazer algumas informações relevantes relativamente aos consumos culturais, nomeadamente no que diz respeito à produção escrita, bem como opiniões acerca obras e autores. Embora muitas vezes não consigamos compreender de que forma se processou a circulação cultural em si, temos provas mais do que evidentes que esta circulação ocorreu, facilitada, em muitos dos casos, pelos próprios contactos sociais, decorrentes do percurso de vida de cada um dos intervenientes, marcados também pelas alterações políticas vividas em cada um dos contextos nacionais

¹ Arquivo Sabugosa, Diário da Condessa de Sabugosa, 1897, Fevereiro, 15.

² Arquivo Rio Maior, citado em SALDANHA, António Rugeroni de, “O Arquivo RIO Maior, in ROSA, Maria de Lurdes, org., *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?*, Lisboa, IEM; CHAM, Caminhos romanos, 2012.